

CINEMA, CURRÍCULO E EDUCAÇÃO: POR UMA POSSIBILIDADE DE EXPERIÊNCIA ESTÉTICA NA FORMAÇÃO DE PROFESSORES

Simone Carvalho¹; Maria Thereza Didier Moraes²;

¹Universidade Federal de Pernambuco - simonecarvalho.shi@gmail.com

²Universidade Federal de Pernambuco (orientadora)

Resumo: Esta pesquisa busca pensar o cinema como elemento formativo no Curso de Pedagogia. Apresenta uma reflexão realizada a partir de relatos de alunos, do curso de Pedagogia na Universidade Federal de Pernambuco, que vivenciaram um contato com o audiovisual através da disciplina “Currículo, Cinema e Educação”. A metodologia foi qualitativa e os relatos foram obtidos a partir de entrevistas com quatro estudantes que frequentaram a disciplina no segundo semestre de 2015. Os relatos de experiências, de situações significativas e dos momentos que marcaram esse contato com a linguagem cinematográfica nos possibilitaram apreender que a vivência na disciplina foi rica em experiências, pois todos os sujeitos sinalizaram para uma nova forma de perceber a utilização do cinema em sala de aula, enxergar uma forma de tratar da experiência estética, em especial no curso de formação de professores.

Palavras-chave: Cinema; Experiência; Formação de Professores;

1.Introdução

A escolha desta temática resulta de um gosto pessoal aliado à experiência vivenciada ao longo da disciplina “Cinema, Currículo e Educação”, no segundo semestre de 2015 e, do desejo de entender como as pessoas que passaram pela mesma experiência, no mesmo período, percebem esse processo. Sendo assim, a fundamentação teórica se dedicou a pensar a experiência, com a explanação de dois teóricos que dialogam com a presente investigação, sendo eles Larrosa (2002) e Benjamin (1994); e, também, situar uma discussão sobre cinema e educação tendo como principais autores Bergala (2008) e Fresquet (2007). Portanto, esta pesquisa busca pensar o cinema como elemento formativo que contribui para uma educação estética e sensível de estudantes do Curso de Pedagogia. Para tanto, foi investigado como o cinema pode ser trabalhado na formação de professores e quais as relações que os estudantes que cursaram a disciplina “Cinema, Currículo e Educação” estabelecem com o cinema na sua formação enquanto futuros docentes. Dessa forma, foram analisados os relatos de experiências de estudantes que cursaram a disciplina, buscando responder, a partir das suas narrativas, se essa experiência pode contribuir para uma mudança do olhar do professor em formação.

2. Metodologia

Considerando o método qualitativo como o mais indicado para o objetivo dessa investigação, apoiados em Neves (1996), procuramos entender os fenômenos segundo a perspectiva dos participantes da situação estudada para situar nossas interpretações dos fenômenos estudados. Foi utilizada a entrevista individual semiestruturada, de acordo com Triviños (1987), possibilita que outras questões, além das que foram previamente definidas, sejam exploradas no decorrer da entrevista. No que se refere à interpretação dos dados coletados na pesquisa, foi utilizada a análise temática, que, segundo Bardin (1997), possibilita entender com maior profundidade os discursos dos sujeitos entrevistados. As questões da entrevista tratam das experiências vividas ao longo da disciplina “Cinema, Currículo e Educação”. A coleta de dados foi realizada através da gravação em áudio e logo após, foi feita a transcrição de cada entrevista. Foram entrevistados quatro sujeitos, todos eles estudantes do Curso de Pedagogia, que frequentaram a disciplina no segundo semestre de 2015. Para garantir o anonimato dos sujeitos optou-se por utilizar nomes fictícios. A escolha se deu pela etapa de formação dos sujeitos, todos estão cursando os semestres finais da graduação e ainda estão passando pelo processo de aprendizado e experiência que levarão para suas práticas futuras. Dos quatro sujeitos um está no sétimo período, dois no oitavo período e um no nono período, sendo duas mulheres e dois homens. A pesquisa foi realizada na cidade do Recife, mais especificamente no Centro de Educação da Universidade Federal de Pernambuco. A análise dos dados foi organizada em duas grandes temáticas: O Cinema e a Formação e o Cinema-experiência. Na primeira temática, buscamos conhecer as concepções de cinema dos sujeitos, as relações que estabelecem entre cinema e educação e, também, como percebem o cinema na formação de professores. Já no segundo tópico – Cinema-experiência - que conta com as narrativas dos entrevistados sobre suas experiências com o cinema nos processos de formação e no curso da disciplina.

3. Sobre Experiência, Cinema e Educação

A experiência já foi concebida de diversas formas, discutida por muitos pensadores e tornou-se objeto de polêmica. Desde a modernidade, a experiência é concebida como:

A relação do sujeito com o mundo e consigo mesmo, por meio da qual aquele começa a conhecer a estes pelos órgãos dos sentidos e, paulatinamente, a reconhecer-se conscientemente, em suas ações pelo juízo

reflexivo, em vista da aquisição de saberes capazes de auxiliá-lo na condução de sua vida. (PAGNI, 2010, p. 15)

Assim, a experiência tem papel fundamental na construção do conhecimento e no processo de construção do sujeito. Para Larrosa, “a experiência é o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca. Não o que se passa, não o que acontece, ou o que toca” (LARROSA, 2002, p.21). E para que algo nos toque, é preciso desacelerar, na verdade é necessário parar:

A possibilidade de que algo nos aconteça ou nos toque, requer um gesto de interrupção, um gesto que é quase impossível nos tempos que correm: requer parar para pensar, parar para olhar, parar para escutar, pensar mais devagar, olhar mais devagar, e escutar mais devagar; parar para sentir, sentir mais devagar, demorar-se nos detalhes, suspender a opinião, suspender o juízo, suspender a vontade, suspender o automatismo da ação, cultivar a atenção e a delicadeza, abrir os olhos e os ouvidos, falar sobre o que nos acontece, aprender a lentidão, escutar aos outros, cultivar a arte do encontro, calar muito, ter paciência e dar-se tempo e espaço. (LARROSA, 2002 p.21)

Estes elementos são assinalados como fundamentais para que o sujeito possa vivenciar a experiência, pois, para o autor, ser sujeito da experiência não significa ser o que a faz acontecer, e sim o que aceita o que lhe acontece. Dessa forma, o próprio sujeito é responsável pela criação de possibilidades para que algo lhe aconteça.

Com a velocidade de acontecimentos e um cotidiano saturado de eventos, não temos tempo para contemplar o que nos acontece. Diariamente somos atropelados por uma sucessão de fatos, bombardeados por informações, por imagens e a experiência torna-se cada vez mais rara: “A cada dia se passam muitas coisas, porém, ao mesmo tempo, quase nada nos acontece” (LARROSA, 2002, p. 21). Assim, com o excesso de informações o sujeito tem a sua capacidade de oportunizar experiência comprometida, pois o saber da experiência difere da aquisição da informação, na verdade uma é quase contrária a outra. A experiência requer complexidade, pois acontece ao sujeito da experiência, enquanto na aquisição da informação nada lhe sucede.

A modernização que surge com o desenvolvimento tecnológico nos ocupa e nos torna acomodados. Talvez seja este o objetivo do desenvolvimento: sobrecarregar as pessoas com inúmeras tarefas, atividades que sugam suas energias, tornando-as acomodadas e acostumando-as a uma vida acelerada, a um ritmo que não provoca mudanças. Para Benjamin (1994), a modernidade é entendida como um momento marcado pela solidão, pelo individualismo e pela necessidade de inovação. Na verdade, uma época de superação marcada pela novidade que logo envelhece e é substituída por outra rapidamente. Dessa forma, pode-se

dizer que vivemos uma cultura de vidro, já que o vidro é um material no qual nada se fixa. Na nossa cultura nada se fixa. Sendo assim de que vale o nosso patrimônio cultural se ele não se vincula a nós através da experiência?

A horrível mixórdia de estilos e concepções do mundo do século passado mostrou-nos com tanta clareza aonde esses valores culturais podem nos conduzir, quando a experiência nos é subtraída, hipócrita ou sorrateiramente, que é hoje em dia uma prova de honradez confessar nossa pobreza. Sim, é preferível confessar que essa pobreza de experiência não é mais privada, mas de toda a humanidade. (BENJAMIN,1994, p.115)

A humanidade está imersa na pobreza da experiência. E no seu texto “Experiência e Pobreza” o autor destaca a importância da experiência transmitida dos mais velhos para os mais novos “com a autoridade da velhice, em provérbios; de forma prolixa, com a sua loquacidade, em histórias; muitas vezes como narrativas de países longínquos, diante da lareira, contadas a pais e netos” (BENJAMIM,1994, p.114) e ao mesmo tempo critica a desvalorização da experiência, afirmando que as ações da experiência estão em baixa. Pois, conquistado pela cultura da posse e do poder e pela barbárie tecnológica excludente, o homem a cada dia liberta-se dos ensinamentos dos mais velhos.

O homem moderno se liberta e reduz a experiência, não valoriza o que é transmitido, destrói a tradição e a substitui pela informação. Outro fator, apontado por Larrosa, que limita a experiência é a necessidade de opinar sobre as informações. Segundo o autor:

Depois da informação, vem a opinião. No entanto, a obsessão pela opinião também anula nossas possibilidades de experiência, também faz com que nada nos aconteça [...] um sujeito fabricado e manipulado pelos aparatos da informação e da opinião, um sujeito incapaz de experiência (2002, p. 22)

Vivemos, além da globalização e na era da comunicação, o periodismo e ele “destrói a experiência, sobre isso não há dúvida, e o periodismo não é outra coisa que a aliança perversa entre informação e opinião” (LARROSA, 2002, p.22). Nesse sentido, o sujeito vai sendo manipulado pelos meios de comunicação, pela informação e vai se tornando um sujeito incapaz da experiência.

O autor destaca que a carência de experiência se deve ao estilo de vida do sujeito moderno, que não permite que as coisas façam parte de sua vida de forma significativa. E ainda relacionado ao tempo, ou melhor, à falta de tempo para o sujeito permitir-se o acontecimento da experiência, ele afirma:

Estou cada vez mais convencido de que os aparatos educacionais também funcionam cada vez mais no sentido de tornar impossível que alguma coisa nos aconteça [...] na escola o currículo se organiza em pacotes cada vez mais numerosos e cada vez mais curtos. Com isso, também em educação estamos sempre acelerados e nada nos acontece. (LARROSA, 2002, p. 23)

Para vivenciar situações de maneira significativas, seja na escola ou fora dela, o sujeito deve ser um território de passagem e dessa forma o que acontece deixa marcas, produz afetos, deixando alguns vestígios e efeitos. No entanto, é preciso que o sujeito tenha uma postura, uma condição própria de quem experimenta permitindo-se alcançar por completo, apoderando-se não apenas daquilo que quer, estando aberto à transformação. Mas para que a transformação aconteça é preciso parar e se dar mais tempo e refletir sobre as formas de ver, pensar e viver o mundo. E como propiciar ao indivíduo a possibilidade de vivenciar de tais situações?

Nesse sentido, o cinema aparece uma possibilidade vivenciar experiências significativas. Pois o contato do indivíduo, enquanto espectador com a reprodução dos filmes facilita a construção do pensar e da condição de desenvolver diversas leituras de mundo. Assim, o capítulo a seguir é dedicado a discussão sobre as relações do cinema e educação.

Frequentemente filmes são utilizados em sala de aula “para ilustrar de forma lúdica e atraente, o saber que acreditamos estar contido em fontes mais confiáveis” (DUARTE, 2009 p.72), algum assunto que o professor está trabalhando. Isto não é um problema, mas acaba por minimizar a capacidade da linguagem cinematográfica por não explorar outros aspectos. Assim, o cinema é visto como uma atividade pedagógica.

(...)talvez fosse preciso começar a pensar – mas não é fácil do ponto de vista pedagógico – o filme não como objeto, mas como marca final de um processo criativo como arte. Pensar o filme como a marca de um gesto de criação. Não como um objeto de leitura, descodificável, mas, cada plano, como a pincelada do pintor pela qual se pode compreender um pouco seu processo de criação. (BERGALA, 2008, p.33)

O cinema aqui é concebido como uma forma de arte que tem a capacidade de aflorar a sensibilidade, de apurar o olhar, como um gesto de criação acreditando que a dimensão pedagógica está na estrutura da linguagem cinematográfica e não no conteúdo externo do filme. Dessa maneira, a produção e o filme podem ser elementos educadores por si só.

Sabe-se que é preciso aprender a olhar e não apenas extrair informação da imagem, Alvarenga (2011). Nesse sentido, é necessário aprender que a imagem pode ser um estímulo ao pensamento e para que isso ocorra é preciso nos educar, é necessário educar para o cinema.

Acreditando na educação como processo que forma o ser humano é apropriado buscar maneiras de desenvolver sentidos e significados que orientem as ações deste no mundo como também, pensar estratégias de tratar da educação para sensibilidade. Mas como pensar na Educação Básica sem antes refletir sobre a formação dos professores? Pois, para ter um movimento de resistência ao modelo de educação vigente é preciso se preocupar em como os professores estão sendo formados.

A formação do professor é entendida aqui não apenas como um processo que envolve metodologias e aprendizado, mas também como uma formação pessoal e reflexiva, pois durante esse processo o estudante está construindo significações e através de experiência que caminharão junto com ele e sua prática. Seguindo esse pensamento, aprender a olhar se torna uma necessidade urgente da educação. Nesse sentido, é necessário pensar a formação de um professor sensível que aprende a olhar. Rodrigues também parece se preocupar com alguns aspectos da sensibilidade na formação docente quando afirma.

Interessa-me, em particular, os processos de educação estética e os atravessamentos da arte e da cultura na formação docente, pensando na formação como constituição de sujeitos comprometidos ética e esteticamente em suas realidades e cotidianos. Mais do que formar professores, o processo de tornar-se professor passa pela constituição desse sujeito e se faz revelador nos seus movimentos pelos espaços urbanos e imaginários em que ele se desloca durante sua formação. (RODRIGUES,2003, p 1)

E como pensar em educação estética na formação dos professores? Uma estratégia que pode ser utilizada e defendida aqui para a potencial formação estética pode estar atrelada à fruição artística que o cinema possibilita, considerando que do encontro do espectador com o filme acontece a experiência estética desse sujeito. A experiência estética aqui entendida como uma experiência de profunda percepção que nos subtrai por alguns instantes de nossas rotinas e nos devolve à consciência de que somos seres humanos.

E nesse encontro, o sujeito pode se permitir envolver, deixar que aquilo lhe toque lhe transforme. E ao retornar à rotina, ao retornar a si mesmo se questiona sobre o que lhe aconteceu. Nesse sentido, a educação estética é a possibilidade de se voltar para si mesmo, para os sentimentos e pensamentos próprios.

O cinema é visto como uma possibilidade de aflorar sentimentos, pois há um processo que mobiliza as emoções e os sentidos, assim as histórias ganham significados e ressignificados. Oliveira Jr (1999) aponta para o envolvimento ao assistir um filme, criando vínculos de afetividade com os personagens, sentindo suas alegrias e angústias. A partir dessa possibilidade de o filme fazer o espectador vivenciar as experiências exibidas e se colocar no lugar do personagem, podemos trabalhar a possibilidade de alteridade no encontro com o cinema. “A força do cinema reside no fato de que ele nos dá acesso a experiências diferentes das nossas” (BERGALA, 2009, p. 93).

E assim, o cinema se apresenta como uma experiência artística, como uma obra de arte que (des)constrói conceitos. Nesse sentido, Fresquet (2007) afirma que o cinema possibilita a construção de conceitos, sentimentos, significados e sentidos, desconstruir outros ou ainda reconstruí-los. Assim, ela defende a ideia de que o cinema possibilitaria um aprendizado em três tempos, ritmados pela possibilidade de aprender, desaprender e reaprender. De acordo com Bergala (2008) o gesto criativo do fazer cinema pode provocar transformações nas relações entre ensinar e aprender. Pois quando vivenciamos a arte cinematográfica descobrimos coisas a partir das nossas experiências e da forma como nos relacionamos com o ver e fazer cinema, o que instiga a imaginação, restaura a memória e ativa sensações de afeto e do ato de aprender.

Ver/pensar/fazer cinema é um estímulo à potência criadora humana, algo que precisamos cada vez mais experimentar e viver na formação de professores. Precisamos fazer brotar nossas memórias e com a experiência educativa pela estética, nos reinventar como profissionais, como sujeitos e como cultura. Educar para a sensibilidade, para perceber a beleza do mundo e do outro, ser sensível ao outro, deixá-lo nos afetar, dialogar e assim produzir conhecimento em conjunto. O trabalho com o cinema pode nos ensinar muito sobre delicadeza, diálogo, sensibilidade, relação com o outro. Pensando, assim, alunos e professores se tornam criadores, inventores do mundo por meio da sensibilidade.

É possível perceber o número crescente de trabalhos que dão atenção aos processos formativos relacionados à experiência estética, apontando para um olhar reflexivo para si mesmo. Nota-se também a atenção que tem sido dada ao cinema na escola e ao mesmo tempo, fica visível a dificuldade de professores trabalharem com essa linguagem, dificuldade essa, que pode estar relacionada com a forma superficial como o tema é tratado.

4. Sobre a disciplina “Cinema, Currículo e Educação”

Algumas universidades oferecem oportunidades de envolvimento com processos de formação cultural dos sujeitos. Nesse sentido, o cinema se apresenta como uma possibilidade experiência estética, sensível e cultural na formação de professores.

A disciplina “Cinema, Currículo e Educação”, com carga horária de 60h, explorou vários aspectos, desde a exibição de produções fílmicas, que contemplam obras do cinema nacional e internacional, como também as produções dos alunos do Centro de Educação da UFPE, buscando, desse modo, analisar as escolhas realizadas nas criações para entender esse processo. Além da exibição dos filmes e das análises realizadas em sala, os alunos foram estimulados a refletir e escrever sobre cada experiência. Os relatos foram escritos em um caderno, individual, denominado como diário sensível.

O trabalho final sugerido pelas professoras foi a criação de um filme livremente inspirado numa obra literária. Dessa forma, foi explicado que o trabalho não deveria, de forma alguma, ser uma leitura exata da obra, e sim uma forma de recontar aquela história, utilizando a literatura para imaginar novas realidades. Pois o cinema nos permite isso, nos faz pensar e inventar novas possibilidades, de perambular sobre o imaginário e explorar essas novas possibilidades, sem haver certo ou errado. O que oportuniza a expressão da individualidade do sujeito. E nesse processo de criação/recriação passamos por uma experiência profunda que nos faz perceber a sensibilidade envolvida na contemplação e na criação de um objeto estético.

5. Resultados e Discussão

A partir dos relatos, podemos perceber que os entrevistados concebem o cinema de várias formas e, em consonância com o que defende Bergala (2008), apontam o cinema como criação de conhecimento e não apenas como puro consumo voltado apenas para o entretenimento. Entendem o cinema como um importante encontro de pessoas que pode estar relacionado a um momento de problematização, de provocação, de desnaturalização e de experiência. Como espaço em que as ideias circulam livremente, na busca do conhecimento, possibilitando o encontro de seres humanos, construindo um sentimento de pertença e de responsabilidade que permite a crítica, a autocritica e a aprendizagem.

De acordo com as falas dos entrevistados, a universidade aparece como um espaço privilegiado e capaz de possibilitar o contato dos sujeitos com os filmes e, assim desenvolver

uma relação com o cinema. Segundo Bergala, “deduz-se a importância primordial de se encontrar os bons filmes no bom momento, aqueles que deixarão marcas para toda a vida” (2008, p. 61). Para o autor, o contato do indivíduo com os filmes capazes de articular o pensamento é importante para o sujeito que se encontra em processo de formação da sua identidade.

A demonstração artística rompe com os limites dos diversos campos disciplinares. As particularidades encontradas no cinema que vão desde outras formas de leitura, linguagem e expressão, atingem vários campos disciplinares promovendo uma educação que vai para além da metodologia conteudista predominante no espaço escolar. A educação pelo e para o cinema parte da relação do educador com a arte cinematográfica, da sua predisposição em tecer uma relação afetiva com os filmes, e promover, de forma voluntária, este encontro aos seus educandos. O gesto criativo do cinema pode provocar transformações nas relações entre aprender e ensinar. Assim, trabalhar com o cinema pode ser um estímulo para a percepção do outro, nos tornando sensível ao outro. Por isso é tão importante a construção da sensibilidade do professor ainda em formação.

A partir do contato com filmes que causam algum tipo de estranheza e apresentam um mundo ainda desconhecido pelo telespectador e que reverberam, nos permite abandonar a “função” de professor possibilita o contato com os alunos a partir de outro lugar, ainda dentro de si, porém menos protegido. E nessa dinâmica a educação vai rompendo com a hierarquia entre educadores e seus respectivos educandos na medida em que os professores se tornam indivíduos em processo de educação através dos filmes. Como aponta Fischer (2009). A autora destaca o cinema como ferramenta fundamental para a educação, pois através dele podemos “fazer da experiência de ver também um espaço privilegiado de transformação de nós mesmos” (p.97).

Uma educação para o cinema deve ser integral, levando em consideração a forma, o conteúdo, a linguagem, a estética, o contexto, enfim, levando em consideração o todo da obra. Neste sentido, Alvarenga (2011) assinala a necessidade de uma pedagogia que auxilie pensar a forma, além do conteúdo dos filmes. Uma pedagogia que permita pensar o processo de criação e para o processo produtivo dos filmes, sem utilizá-lo como pretexto para discussões que podem acontecer sem eles. Através dos relatos, percebemos que a disciplina também despertou o interesse para outros filmes que antes eram considerados obsoletos.

Embora todos estivessem no mesmo espaço, no espaço comum, a experiência é algo individual e intransponível, como defende Larossa (2002). Ao assistir um filme cada um constrói sua própria percepção e com a mediação do professor ou das professoras, como foi no caso da disciplina, a experiência contribuiu para a construção coletiva de conhecimento, a partir da partilha de pontos de vista após a vivência com os filmes. Nesse sentido, a sala de aula foi um espaço favorável à socialização das impressões desses indivíduos.

Ao que parece, o objetivo da disciplina era estimular uma leitura criativa do filme e vivenciar a arte cinematográfica, o que se difere do que comumente é entendido sobre a relação entre cinema e educação. Dessa forma a decifração e interpretação imediata do filme não era incentivada. O incentivo era para o espectador reverberar e estimular o pensamento, instigar a imaginação. Nesse sentido, entendemos que ver/contextualizar/fazer estimula nossa potência criadora e possibilita a integração coletiva.

6. Conclusões

O presente estudo teve a preocupação de estabelecer relação entre o cinema e a educação, pensando o cinema como possibilidade de experiência estética na formação de professores. Dessa forma, no decurso da pesquisa foi possível atentar para a necessidade de ter espaços nas universidades para o cinema, pois um filme pode ser capaz de despertar sensações e percepções, é uma linguagem e um objeto artístico e por isso é preciso pensar em estratégias do uso do cinema como educativo por si só. Pensando no docente como facilitador do encontro dos alunos com os filmes, proporcionando assim uma educação do olhar, buscou-se investigar as relações que os professores em formação estabelecem entre o cinema e educação após cursar a disciplina. A partir dos relatos dos estudantes pode-se apreender que a vivência na disciplina foi rica em experiências, pois todos sinalizam para uma nova forma de percepção do cinema em sala de aula. A principal queixa dos estudantes refere-se a forma como o cinema foi utilizado por seus professores na educação básica. É sabido que nem todos os professores, e até mesmo os professores que estão em formação, tem acesso a esse tipo de experiência e por isso mesmo é de suma importância que outras instituições, entre elas as escolas, promovam debates e oficinas que tratem da temática. Portanto, a presente investigação pretendeu contribuir para a produção de conhecimento sobre o dado objeto de estudo, que poderá servir como incentivo para que professores em formação e os que já estão formados, busquem vivenciar experiências como as relatadas nessa pesquisa.

Referências

ALVARENGA, N.A. Imagens do cinema na cultura digital. In: FREITAS, M.T. de A (Org.) **Escola, tecnologias digitais e cinema**. Juiz de Fora UFJF, 2011.

ALVES, N. Contar o passado, analisar o presente e sonhar o futuro. In: _____; OLIVEIRA, I. B. **Pesquisa no/do cotidiano das escolas: sobre redes de saberes**. 2. ed. Rio de Janeiro:DP&A, 2002.

BARDIN, L. **Análise de Conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1977.

BENJAMIN, W. Experiência e pobreza. IN: **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura**. Tradução de Sérgio Paulo Rouanet. 7ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.

BERGALA, A. **A hipótese-cinema. Pequeno tratado de transmissão do cinema dentro e fora da escola**. Tradução: Mônica Costa Netto, Silvia Pimenta. Rio de Janeiro: Booklink - CINEADLISE-FE/UFRJ, 2008.

BRASIL. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Ministério de Educação e Cultura.

CARRIÈRE, J. **A linguagem secreta do cinema**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2006.

DUARTE, R. **Cinema e educação**. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

DUARTE JUNIOR, J. F. **O sentido dos sentidos: a educação (do) sensível**. Dissertação de Mestrado. Campinas, Universidade Estadual de Campinas, 2000.

FANTIN, M. **A experiência do cinema na escola: fruição, análise e produção com crianças na perspectiva da mídia-educação**. In: Congresso da Associação Portuguesa de Ciências da Comunicação. 5.Braga: Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade (Universidade do Mimeo.), 2008.

FISCHER, R. M. B. **Docência, cinema e televisão: questões sobre a formação ética e estética**. Rio de Janeiro, 2009.

FRESQUET, Adriana (org.). **Imagens do desaprender: uma experiência de aprender com o cinema**. Rio de Janeiro: Booklink; CENEAD – LISE – FE/UFRJ: 2007. (Coleção Cinema e Educação).

LARROSA, J. **Notas sobre a experiência e o saber da experiência**. Rev. Bras. Educ. [online]. 2002.

MINAYO, M.C.S. **Pesquisa Social: teoria, método e criatividade**. Petrópolis, Editora Vozes, 1994.

NEVES, J.L. **Pesquisa qualitativa- Características, usos e possibilidades.** São Paulo, 1996. Disponível em: <http://www.unisc.br/portal/upload/com_arquivo/pesquisa_qualitativa_caracteristicas_usos_e_possibilidades.pdf> Acesso em: acesso em 07 de Maio de 2016.

OLIVEIRA JR., W. M. **Filmes & Professores: Momentos de uma oralidade muito presente.** Pro-Posições, 1999.

PAGNI, P. **Um lugar para a experiência e suas linguagens entre os saberes e práticas escolares: pensar a infância e o acontecimento na práxis educativa.** In: PAGNI, Pedro; GELAMO, Rodrigo Pelloso (Org.). Experiência, educação e contemporaneidade. Marília: Poiesis, Oficina Universitária; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2010. p. 15-33.

RODRIGUES, C.J. **cinema e subjetividades. Da imponderabilidade do campo de pesquisa à força do instrumento.** Goiana: ANPED, 2013. Disponível em: http://36reuniao.anped.org.br/pdfs_trabalhos_aprovados/gt16_trabalhos_pdfs/gt16_2660_texto.pdf. Acesso em: 18 de maio de 2016.

TRIVIÑOS, A.N.S. **Introdução à Pesquisa em Ciências Sociais: a pesquisa qualitativa em educação.** São Paulo: Atlas, 1987. Disponível em: <[https://2mqupq-dm2305.files.1drv.com/y3miNGx2sKChPnGMII8SjVVDAg_vVIAXnUCfp4m3M255qjSfj_r0DQrvDBRIW6O39laNjDM0JxlgbP8pUu2icF8Vy05At9sJgSNaUpBixvFjjfdt_KAiwTc1OCGBAdQ1LRbNM40odaDEU8y1feNBhVA/TRIVI%C3%91OS%20%20Introdu%C3%A7%C3%A3o%20%20Pesquisa%20em%20Ci%C3%A2ncias%20Sociais%20\(1987\).pdf?psid=1](https://2mqupq-dm2305.files.1drv.com/y3miNGx2sKChPnGMII8SjVVDAg_vVIAXnUCfp4m3M255qjSfj_r0DQrvDBRIW6O39laNjDM0JxlgbP8pUu2icF8Vy05At9sJgSNaUpBixvFjjfdt_KAiwTc1OCGBAdQ1LRbNM40odaDEU8y1feNBhVA/TRIVI%C3%91OS%20%20Introdu%C3%A7%C3%A3o%20%20Pesquisa%20em%20Ci%C3%A2ncias%20Sociais%20(1987).pdf?psid=1)> acesso em 07 de Maio de 2016.